

---

# Harriet Martineau e Anna Julia Cooper: Um Diálogo sobre a Condição da Mulher

---

Ian Rebouças de Andrade <sup>1</sup>

Thaís Mendes Magalhães Perez <sup>2</sup>

Thayná Holanda Magalhães Diógenes <sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo deste ensaio é destacar como a negligência histórica dos estudos de gênero pela Sociologia nos séculos XIX e XX resultou na marginalização de figuras importantes nessa área. Contudo, Harriet Martineau e Anna Julia Cooper ofereceram perspectivas essenciais sobre igualdade de gênero e questões relacionadas à posição da mulher na sociedade. Utilizando pesquisa bibliográfica, este estudo enfoca as contribuições de Martineau, que explorou o papel do gênero no trabalho doméstico e no status das mulheres, e de Cooper, que ressaltou a importância da representação política para grupos marginalizados, reforçando seu compromisso com a igualdade de gênero. O ensaio conclui que é necessário reconhecer o legado dessas autoras e suas contribuições para a compreensão dos desafios relacionados à dominação masculina e ao racismo.

**Palavras-Chave:** Sociologia de Gênero, Autoras Clássicas, Igualdade de Gênero, Machismo.

## Introdução

A Sociologia dos séculos XIX e XX, tradicionalmente, não incluiu os feminismos e os estudos de gênero em seus temas centrais, exceto, naturalmente, para criticá-los, uma prática recorrente. Renomados autores tidos como clássicos da Sociologia, a exemplo de Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim, raramente dedicaram atenção minuciosa e aprofundada à

---

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (PPGS-UECE), com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Lattes: [7636852387113211](https://lattes.cnpq.br/7636852387113211) - E-mail: [iandeandrax@gmail.com](mailto:iandeandrax@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestra em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (PPGS-UFC), com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Professora Substituta vinculada à Universidade Estadual do Ceará (FACEDI-UECE). Lattes: [7006894430062799](https://lattes.cnpq.br/7006894430062799) - E-mail: [thaism.magalhaes@uece.br](mailto:thaism.magalhaes@uece.br).

<sup>3</sup> Doutoranda em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (PPGS-UECE), no mestrado em Sociologia (PPGS-UECE) contou com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Lattes: [1312859097514216](https://lattes.cnpq.br/1312859097514216) - E-mail: [thaynadiogenes7@gmail.com](mailto:thaynadiogenes7@gmail.com).

condição da mulher, ou então trataram das questões de gênero como algo tangencial em vez de uma preocupação central (Daflon; Sorj, 2021).

Importa salientar que, ao utilizar a palavra "condição" no título deste escrito, não nos referimos à ideia de "condição de vitimização", mas sim aos olhares perspicazes e refinados de autoras notáveis, como Harriet Martineau e Anna Julia Cooper sobre a situação da mulher na sociedade. Elas observaram atentamente a realidade cotidiana, realizaram pesquisas rigorosas e abordaram temas que merecem ser debatidos, reivindicados e estudados minuciosamente ainda hoje.

Daflon e Sorj (2021), na obra "Clássicas Do Pensamento Social", desempenharam um papel muito necessário ao traduzir e compilar trechos destacados das obras originais de Harriet Martineau e Anna Julia Cooper, que de outra forma seriam de difícil acesso. Não temos a pretensão de esgotar a discussão sobre as categorias mencionadas, uma vez que são complexas e demandam uma exploração longa e aprofundada. Nosso objetivo é apresentar algumas contribuições e palavras de Martineau e Cooper para o campo das ciências sociais e traçar diálogos em busca de um objetivo compartilhado: a igualdade.

Temas como matrimônio, infância, administração do lar, tarefas domésticas, trabalho, trabalho doméstico, relações entre os sexos, economia doméstica, *status* social e político das mulheres, bem como a situação das mulheres e dos menos privilegiados, ocupam um espaço de destaque nas preocupações de Martineau, tanto quanto o estudo das instituições políticas, do Estado, do mercado, da indústria, do dinheiro, do capital e das classes sociais (Daflon; Sorj, 2021). Martineau reconheceu as questões relacionadas ao gênero, notadamente no contexto do trabalho doméstico, como elementos fundamentais na organização das experiências no mundo social.

Cooper também trouxe sua perspectiva a todas essas questões, incluindo as relativas às "mulheres racializadas". Ela enfatizou que toda injustiça requer uma voz própria e que a democracia deve ser o espaço onde cada forma de sofrimento encontre a liberdade para se expressar e ser representada (Daflon; Sorj, 2021). Isso implica que Cooper também defende a representação política e expressa a crença de que cada grupo marginalizado merece ter sua voz ouvida.

Embora haja diferenças e particularidades nas visões de Cooper e Martineau, cada uma delas ricas em sua singularidade, vamos explorar e discutir algumas áreas em que suas ideias convergem. Destacamos temas como a prática científica, a intelectualidade das

mulheres e as questões relacionadas à educação e ao trabalho, que estão intrinsecamente vinculados à questão da intelectualidade frequentemente negada às mulheres.

### **Sensibilidade das autoras sobre o fazer ciência**

Martineau deve ser creditada pela produção do que é atualmente reconhecido e referido como "sociologia". Essa disciplina permeou os mesmos canais que os romances, as críticas culturais e a literatura de ciências naturais. Durante sua jornada transatlântica e seus dois anos de pesquisa em todo os Estados Unidos, ela escreveu um de seus primeiros "manuais" de pesquisa sociológica, intitulado "Como Observar a Moral e os Costumes" em 1838. Importante notar que essa obra foi publicada quase seis décadas antes do amplamente reconhecido clássico "As Regras do Método Sociológico" de Émile Durkheim em 1895 (Daflon; Sorj, 2021), e, muito antes de outro clássico da Antropologia, como "Argonautas do Pacífico Ocidental" de Bronisław Malinowski publicado em 1922.

Martineau advogou por uma minuciosa análise das relações domésticas, considerando-a o foco primordial das ciências sociais. Segundo a autora, uma investigação aprofundada do "lar" elucida sua intrincada interação com a sociedade "externa". Ela afirmou que qualquer relação entre empregadores e empregados, por exemplo, serve para exemplificar outras, e é de suma importância intrinsecamente, mas também como indicadora de fenômenos externos mais amplos (Martineau, 2021).

Dentro de "Como Observar a Moral e os Costumes", uma influente introdução às metodologias das ciências sociais, Martineau não apenas analisou e criticou as generalizações apressadas feitas por viajantes sobre diversas culturas com base em relatos e impressões limitadas, mas também ofereceu uma abordagem metódica e crítica para investigação e pesquisa social (Daflon; Sorj, 2021). Além disso, ela enfatizou a necessidade de conduzir pesquisas com empatia, postulando que deveria existir um fio comum de humanidade que unisse todos os indivíduos, transcendendo fronteiras geográficas: "deve existir um coração humano universal."

[...] Os Observadores devem ter empatia; e sua empatia deve ser irrestrita e sem reservas [...]. Um observador da moral e dos costumes correrá o risco de cometer diversos erros se não conseguir encontrar um caminho para os corações e as mentes [...]. Há um mesmo coração humano em todos os lugares [...] (Martineau, 2021: 30)

Martineau concebeu um método de pesquisa que implicava a adoção de uma postura empática, promovendo a capacidade de se colocar no lugar do outro. Ela enfatizou a

dificuldade que os pesquisadores e escritores enfrentam ao tentar se despir de julgamentos e preconceitos, bem como ao se abrir para a cultura alheia.

Cooper também compartilhou uma perspectiva com semelhanças a esse respeito. Ela criticou visões influenciadas pelo preconceito, seja nas esferas da cultura, arte, ciência ou política, e destacou a necessidade de reconhecer a diversidade. Para Cooper, o problema reside na tendência das pessoas em generalizar o mundo com base em suas próprias experiências e localização social, particularmente quando se isolam em suas próprias bolhas sociais. Em sua visão, a solução para esse problema passa pelo pluralismo político e pelo direito das pessoas marginalizadas à autorrepresentação. Daí a importância de dar voz, palavra e atenção a essas vozes (Daflon; Sorj, 2021).

Martineau e Cooper praticaram uma forma de sociologia frequentemente denominada "interseccional" atualmente. Elas abordaram questões de gênero, classe social, etnia, origem e outros marcadores sociais como dimensões que coexistem e não se sobrepõem umas às outras. Cooper, em seu trabalho "Uma Voz do Sul: de uma Mulher Negra do Sul" de 1892, desempenhou um papel fundamental na defesa da diversidade na política e cultura, antecipando que a intersecção de raça e gênero torna a luta política mais complexa.

Ambas as autoras se empenharam em desenvolver uma sociologia embasada empiricamente na observação das realidades concretas da vida, não apenas em relação às suas próprias experiências, mas também às experiências de outras pessoas. Isso envolveu a análise das interações cotidianas, uma abordagem que também incorporava elementos de microsociologia, bem como a escuta atenta das vozes das pessoas investigadas (Daflon; Sorj, 2021).

[...] O objetivo do viajante sábio: manter-se protegido tanto do preconceito filosófico quanto do nacional. Ele não se deve permitir ficar perplexo ou enjoado ao ver os grandes fins da associação humana serem buscados por meios que ele jamais teria concebido, e com os quais ele nunca poderia se conciliar. [...] Ele não deve tirar conclusões hostis às morais domésticas por causas da diversidade de métodos de casamento [...] (Martineau, 2021: 29)

O cerne de seu pioneirismo é marcado por suas análises sociológicas em torno de pesquisa empírica planejada e sistemática desenvolvida como um método que busca traçar parâmetros para a pesquisa de outras sociedades. Sobretudo, traz central importância aos significados que ações têm para as pessoas, para assim analisar os efeitos estruturais, dessa

forma, desenvolveu uma metodologia empírica baseada na observação e na interação com realidades concretas, através do cotidiano e das falas dos interlocutores.

Cooper, à semelhança de Martineau, emite uma crítica ao "provincianismo", que se refere à tendência de realizar generalizações com base na posição social local do pesquisador ou autor. Para Cooper, assim como para Martineau, a consolidação da arte, literatura e ciência só pode ser alcançada mediante a adoção de uma perspectiva empática, saudável e humanista. Tal abordagem tem o propósito de atenuar o olhar preconceituoso e crítico, elevando, assim, o nível das ciências, arte e literatura.

[...] Nenhum verdadeiro artista pode se permitir ser limitado e provinciano, mas isso é o que acontece quando se exclui deliberadamente qualquer conjunto de fatos ou assuntos em razão do preconceito contra os outros. A arte americana, a ciência americana e a literatura americana jamais poderão ser fundadas na verdade – a beleza universal – e jamais poderão aprender a falar uma língua inteligível em toda parte e por todas as idades até que a garra paralisante do preconceito de castas de afrouxe e enfraqueça, até que o olhar saudável e empático seja ensinado a mirar para fora, a enxergar o grande universo como algo que não guarda preferências nem feras obscuras [...] (Cooper, 2021: 71-72)

Martineau e Cooper empregaram, desse modo, princípios que continuam de relevância fundamental na pesquisa, incluindo na pesquisa de natureza antropológica. Esses princípios dizem respeito à questão da “alteridade”<sup>4</sup>, ou seja, a compreensão do “outro”, questão fundamental para a antropologia, bem como à necessidade de relativizar a cultura do pesquisador em relação à cultura dos pesquisados. Importante destacar que tais abordagens não devem resultar em hierarquização alguma, seja de caráter colonialista ou preconceituoso, entre uma cultura e outra. Isso evidencia a perspicácia das autoras também em relação às complexidades da Antropologia e do colonialismo.

### **Sensibilidade das autoras sobre a Educação e o Trabalho**

No âmbito das relações laborais e educacionais, ambas as autoras revelaram uma notável acuidade em relação às complexidades do trabalho doméstico. Martineau dedicou especial atenção às dinâmicas entre empregadores e empregados, bem como às atribuições destinadas às mulheres desde tenra idade. Cooper, por sua vez, abordou a educação e o trabalho designados às mulheres, conferindo maior destaque às relações entre homens e mulheres de ascendência caucasiana e mulheres de ascendência racial não caucasiana.

---

<sup>4</sup> Seja uma alteridade radical ou mínima (Peirano, 2006), a pesquisa de campo traz sempre uma experiência com algum “outro”. A condução de estudos de campo sempre envolve uma vivência com algum indivíduo ou grupo distinto, o Outro, e suas diferenças socioculturais, políticas e morais. Sempre haverá uma discrepância entre as partes que influenciará a presença da alteridade. O que varia, naturalmente, são os tipos de indagações surgidas a partir dessa interação.

Martineau não apenas evidenciou que os observadores e pesquisadores do sexo masculino frequentemente subestimam a relevância dessa temática, mas também afirmou que os homens, com frequência, fecham os olhos diante de seus próprios preconceitos.

[...] O tema do serviço doméstico é considerado inferior, insignificante e até mesmo ridículo. Os homens sabem muito pouco a respeito [...]. A mera menção ao trabalho doméstico lhes traz à mente imagens de rodos e vassouras ou de bate-bocas sobre doar ou não a carne fria, conduzir cozinheiros larápios às delegacias de polícia e essas coisas desagradáveis. Os homens não pensam no assunto se podem evitar: eles desprezam todo o conhecimento acerca disso como um aborrecimento e consideram um mal que cabe à esposa administrar e suportar [...] (Martineau, 2021: 34)

Martineau, portanto, sustenta que o homem, estabelecido em sua zona de privilégios e conforto, tende a evitar abordar questões que ameacem sua posição privilegiada, seu *status quo*, especialmente no que se refere ao trabalho doméstico. Esta relutância, de acordo com Martineau, é proporcional à escassez de discussão sobre o tema, uma vez que tal ausência de debate é benéfica para o homem.

Sobre a questão do trabalho doméstico, a antropóloga Jurema Brites (2007), já no século XXI, pensa no esteio da mesma ideia, ao descrever “o modo como as tarefas 'reprodutivas' têm sido distribuídas de acordo com hierarquias de classe, raça, grupos étnicos e gênero” (Brites, 2007: 94). Sendo as tarefas reprodutivas distribuídas desigual e hierarquicamente, as mulheres se complementariam em seus papéis de servidão ao homem e às necessidades de cuidado da família e do lar, libertando-os, sejam pais, maridos ou filhos, para prosseguir com as suas ambições e projetos fora do ambiente doméstico. Preuss (1995), ao fim do século XX, já havia observado que enquanto as mulheres,

[...] se complementam na execução do trabalho doméstico, fica garantido o pequeno envolvimento do homem nessas tarefas, mantendo-se a tradicional divisão sexual do trabalho e o concomitante domínio masculino no espaço público [...] (Preuss, 1995: 55).

Assim, exacerbam-se, também, as desigualdades na inserção das mulheres negras no ambiente laboral, fato que remonta à história da escravização de seus ancestrais.

Cooper enfatiza que somente a Mulher Negra pode afirmar com segurança: "quando e onde eu alcanço a dignidade tranquila e incontestável da minha condição de mulher, sem subjugação e sem paternalismo, a raça negra inteira avança comigo" (Cooper, 2021: 59). Em outras palavras, a Mulher Negra ocupa simultaneamente as condições de ser mulher e negra, enfrentando, assim, tanto o racismo quanto o paternalismo em sua experiência. Cooper

sustenta que não se pode esperar que o homem de cor reproduza plenamente e de forma adequada a voz da Mulher Negra, realçando a importância de dar voz, representatividade e participação social e política a todas as pluralidades. Cooper destaca que a empatia masculina pela mulher, caso aconteça, é algo que “se aprende com a mãe, não com o pai” (Cooper, 2021: 64). Não é questão de defender a unicidade de voz da mulher negra, mas, ela reitera, que as mulheres negras, devido às cicatrizes de suas experiências, são mais sensíveis e perspicazes, capazes de perceber, assim, com maior sensibilidade e relatar com maior precisão o peso e o tormento de uma dor profunda e duradoura (Cooper, 2021: 57).

Martineau e Cooper compartilham a perspectiva de que a educação das mulheres é tradicionalmente direcionada a certas atividades, enquanto a dos homens é orientada para outras. Martineau chama a atenção para como a educação das "criadas" é moldada para o trabalho doméstico, uma vez que desde a infância, elas testemunham as práticas de suas mães em relação às tarefas domésticas, como a limpeza da casa e o cuidado com os filhos. Isso muitas vezes resulta em comprometimento do sono e da saúde, tanto física quanto mental, em nome de um "bem maior," ou seja, o bem-estar de suas famílias.

[...] Como é a educação de uma criada? Desde cedo ela é acostumada à abnegação e ao trabalho pesado; de tal modo é derrotada pelo sono que às vezes desperta assustada em sua cadeira, com medo de deixar cair o bebê. Ela é habituada a servir os outros, mas não é acostumada aos modos dessas pessoas. Tudo o que conhece são os modos de sua mãe. E ela quem limpa a sala no sábado à tarde. Lava as louças especiais sempre que pedido. (Martineau, 2021: 36)

A historiadora Vânia Carvalho (2008), ao investigar elementos da cultura material paulistana do fim do século XIX e começo do XX relacionados às práticas de gênero, observou, tal como Martineau, os movimentos de domesticação dos corpos femininos para o trabalho doméstico, pois “na forma mecânica como é apresentado (rotinas introjetadas de comportamento), o trabalho doméstico pode ser entendido como uma atividade de treinamento do espírito e do corpo, como disciplinamento” (Carvalho, 2008: 243). Ela sublinha, também, como esses processos de disciplinamento para o trabalho doméstico envolve mulheres na posição de patroas e empregadas domésticas, em dinâmicas de classe e raça que se refletem em diferentes funções na casa (de administração e embelezamento para a primeira, de execução pesada e repetitiva para a segunda, quando existir tal divisão), mas partindo de uma contiguidade entre o corpo feminino, os objetos e o próprio ambiente doméstico (*ibid.*).

Cooper (2021) contribui para a compreensão das diferenças entre o trabalho feminino de acordo com posicionamentos de raça/etnia quando observa que as mulheres de

ascendência negra enfrentam desigualdades de oportunidades em relação às mulheres de ascendência branca. Além disso, ela ressalta que as mulheres de ascendência branca nos Estados Unidos contam com o apoio de seus maridos nas atividades realizadas fora do ambiente doméstico.

[...] a mulher de cor ocupa, digamos, uma posição única neste país. Em um período transitório e instável, dentre todas as forças que contribuem para nossa civilização, a sua parece uma das mais incertas e inconstantes. Ela é confrontada tanto pela questão da mulher, quanto pelo problema racial, ambos fatores ainda desconhecidos ou negligenciados. Enquanto as mulheres da raça branca podem, confiantes, buscar o trabalho para o qual se sentem por natureza inclinadas, enquanto seus homens dão apoio leal e demonstram gratidão por seus esforços (Cooper, 2021: 60).

Cooper, à semelhança de Martineau, advoga fervorosamente pela participação ativa das mulheres na esfera da produção intelectual. Para ela, "a elevação do *status* intelectual feminino é benéfica para toda a sociedade" (Cooper, 2021: 63) e propugna que, por meio do desenvolvimento e da educação das mulheres, estas possam contribuir de maneira relevante e perspicaz para o avanço das ideias de sua época, enriquecendo, assim, o patrimônio intelectual global (Cooper, 2021: 65). Essas atividades se estendem para além das tarefas tradicionalmente associadas ao "lar", as quais, conforme ressaltaram ambas, foram inicialmente designadas.

[...] Religião, ciência, arte, economia – todas precisaram de um toque feminino [...] não se verá a ciência aniquilar a personalidade que governa o Universo e transformar Deus em uma força física ingovernável, ininteligível, cega e destrutiva. Não se verá jurisprudência transformar em axioma a ideia absurda de que o marido e a esposa são um só, e que a mulher casada não pode possuir nem dispor de sua propriedade salvo sob as ordens do seu marido. Não se verá economistas políticos declarando que o único acordo possível entre trabalhadores e capitalistas é o egoísmo e a ganância [...]. Por fim, não se verá a lei do amor excluída das relações humanas depois que a metade feminina da verdade do mundo for concluída. (Cooper, 2021: 64)

A perspectiva da socióloga brasileira Helena Hirata (2015) auxilia a elucidar a questão colocada por Cooper sobre a participação das mulheres na produção intelectual e nos trabalhos domésticos. Hirata entende a inserção da mulher na divisão sociossexual do trabalho, onde o trabalho feminino teria menos valor e seria inserido de forma inferior nas hierarquias de distribuição de status (Hirata, 2015). O trabalho feminino possuiria menos valor, pois se concentraria nas dimensões reprodutivas e não produtivas da vida, associadas ao cuidado e manutenção do lar, e não à produção de bens econômicos relevantes.

Ainda que, hoje, tanto no Sul como no Norte global, as mulheres tenham alcançado um nível maior de instrução - frequentemente superior à dos homens - elas continuam auferindo, enquanto grupo, menores rendimentos e tendo menor participação política, intelectual e artística do que eles. Isto se deve, segundo a autora, ao fenômeno da bipolarização do trabalho feminino: a grande massa de mulheres ainda está empregada em setores ligados ao cuidado, que possuem, de forma nem um pouco surpreendente, as piores remunerações do mercado de trabalho. As mulheres que se encontram no outro extremo, em posições de trabalho mais reconhecidas e legitimadas, são a minoria. Trata-se de uma manifestação da divisão sociosexual e racial não apenas do trabalho, mas também do saber e do poder (Hirata, 2015), que reproduz os lugares sociais tradicionais dos homens no centro do poder e das mulheres, especialmente as racializadas, nas suas margens.

Cooper aborda a questão da verdadeira simetria e equilíbrio em diversas esferas, como a religião, a ciência, a arte, a literatura e a economia, enfatizando que tais harmonias somente serão alcançadas com a efetiva e equitativa participação das mulheres. A autora, desse modo, demanda uma representatividade igualitária e uma ativa participação das mulheres na sociedade, na economia, na política, na ciência, na arte e na literatura.

Martineau traz à tona importantes nuances sociais, incluindo os silenciamentos e as interrupções enfrentados pelas mulheres, muitas vezes perpetrados por seus maridos e outros homens, no contexto doméstico. Isso, por sua vez, sugere que o que a mulher tem a dizer é frequentemente subestimado em relação ao que o homem tem a dizer. A autora expressa a ideia de que as mulheres sofrem uma série de desvantagens, incluindo restrições intelectuais injustificadas, que são impostas tanto por meio de ensinamentos explícitos quanto por meio das circunstâncias da vida feminina.

Martineau ressalta que, nessas condições, o casamento muitas vezes se torna a única opção remanescente para as mulheres, uma vez que seus sonhos e perspectivas são frequentemente limitados em suas interações na sociedade. Consequentemente, o intelecto da mulher é tolhido por restrições inaceitáveis, que se manifestam tanto em termos de instrução explícita quanto de restrições impostas pelas circunstâncias (Martineau, 2021).

O Casamento é a única via aberta para as mulheres. Caso busque a filosofia, ela será vista como extravagante e sofre o perigo de ser ridicularizada. A ciência não pode ser mais que um passatempo, e sob riscos semelhantes. A arte está oficialmente disponível, mas apenas o aprendizado necessário e, ainda mais, a indispensável experiência da realidade, são negadas a ela. Diz-se que a literatura também é permitida, mas sob quais penalidade e restrições? [...] Dessa maneira, nada resta à mulher senão o casamento. (Martineau, 2021: 45)

Cooper aborda uma discussão semelhante ao destacar que as mulheres, além de serem privadas de seus direitos socialmente, são frequentemente compelidas a suprimir sua verdadeira essência, restringindo-se a um papel simplório e anulando sua identidade para obter aceitação na sociedade. Em suas palavras: "Não cabe mais à mulher questionar: 'como posso sufocar, mutilar-me e me anular a ponto de ser digna da 'honra' de ser submissa a um homenzinho?'" (Cooper, 2021: 66). Carvalho (2008), contemporaneamente, aponta para a comum ocorrência da supressão das dimensões intelectuais, artísticas e políticas e a anulação da identidade feminina nos termos de uma "despersonalização" que ocorreria com a mulher no ambiente doméstico, com o qual ela se funde em atividades cotidianas compulsórias que parecem estratégicas "para transformar a percepção social da mulher como acessório doméstico em algo extraordinariamente familiar. Tal carência de individualidade não poderia se sustentar somente pela ação difusa" (Carvalho, 2008:88).

Cooper encoraja as mulheres a serem autênticas e a perseguirem seus próprios desejos, reconhecendo que têm capacidade para superar as tradicionais estruturas que propiciaram o seu histórico aprisionamento. Além disso, ela sublinha que os homens frequentemente demonstram ignorância em relação às questões femininas, apresentando um pensamento ultrapassado: "Embora nossos homens pareçam estar atualizados em quase todos os aspectos de nosso tempo, quando se trata da questão das mulheres, eles retrocedem ao pensamento do século XVI" (Cooper, 2021:66).

### **Considerações**

Tanto Martineau (2021) quanto Cooper (2021) destacam a questão da desigualdade de gênero e defendem a busca pela igualdade, além de desconstruir o equívoco de que o feminismo promove a superioridade feminina. Um exemplo notável disso é a afirmação de Cooper (2021) de que a verdade deve incorporar tanto características femininas quanto masculinas, e que essas características não devem ser concebidas em termos de superioridade ou inferioridade, mas sim como elementos complementares, formando um conjunto necessário e simétrico.

É de suma importância reconhecer e valorizar as contribuições das autoras como Harriet Martineau e Anna Julia Cooper, bem como das contemporâneas que continuam a explorar essas questões, como Jurema Gorski Brites, Vânia Carneiro de Carvalho, Helena Hirata, Miriam Raja Gabaglia Preuss, Verônica Toste Daflon e Bila Sorj. Especificamente, Martineau e Cooper oferecem um vislumbre de suas experiências no final do século XIX e

início do século XX como mulheres residentes nos Estados Unidos. Martineau (2021), por exemplo, lança luz sobre a atribuição de tarefas domésticas às mulheres, enquanto Cooper (2021) aborda a situação das mulheres negras no período pós-abolição nos Estados Unidos.

Os escritos de Martineau e Cooper revelam de que forma o machismo, o paternalismo, o racismo e a escravidão deixaram marcas profundas na vida das mulheres, especialmente das mulheres negras. Essas marcas persistem até os dias atuais, refletindo-se na negação e na restrição de sua cidadania, participação na esfera científica, desenvolvimento intelectual, expressão da sexualidade e subjetividade, assim como na exploração de sua materialidade e papel doméstico, bem como nas esferas do trabalho e da exploração sexual (Daflon; Sorj, 2021).

### **Referências Bibliográficas**

BRITES, Jurema Gorski. 2007. *Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores*. CADERNOS Pagu, n. 29:91-109.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. 2008. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: Edusp.

COOPER, Anna Julia. 2021. “Uma Voz do Sul: de uma mulher negra do Sul; O progresso intelectual da mulher de cor nos Estados Unidos desde a proclamação de Emancipação”. In DAFLON, Verônica Toste & SORJ, Bila (Org.). *Clássicas do pensamento social: mulheres e feminismos no século XIX*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, pp. 49-80.

\_\_\_\_\_. 2021. *Clássicas do pensamento social: mulheres e feminismos no século XIX*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

HIRATA, Helena. 2015. “Mudanças e permanências nas desigualdades de gênero”. In ANÁLISE, n.7, Fundação Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) Brasil.

MARTINEAU, Harriet. “Como observar a moral e os costumes; Serviço doméstico; Sociedade na América”. In DAFLON, Verônica Toste & SORJ, Bila (Org.). *Clássicas do pensamento social: mulheres e feminismos no século XIX*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021, pp. 19-48.

PEIRANO, Mariza. 2006. *A teoria Viva: e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

PREUSS, Miriam Raja Gabaglia. 1996. *Patroas e empregadas: relações de proximidade e oposição*. In Coletâneas da ANPEPP, pp. 53-65.